



"Olá! o Invº de Bismarck dando-se lanta preso em pôr os seus navios n'agua?... Não saberá ele ainda que pôr sua causa, foi a tremendissima amara de pôr na ruia um dos melhores delegados da meia-ha polícia..."

Aos Srs. Assignantes.

A empreza da « Vida Fluminense » agradece cordialmente aos Srs. assignantes a protecção que lhe tem dispensado desde o começo da publicação deste semanario—e participa-lhes que nos principios do anno vindouro será distribuida uma grande folhinha ilustrada, a que, entretanto, só terão direito os que se acharem quites com a empreza.

Aquelles que não estiverem nestas condições, não devem estranhar, pois, se não forem contemplados na distribuição.

Avulso custará essa folhinha 3^o000.

A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 30 de Dezembro de 1871.

O fogo purifica, dizem os mestraços da scien-
cia.

Pois sim! Purifica bem; porém liquida ainda
melhor.

Olá se liquida! Nem conheço nada que seja
tão bom para liquidar, mórmente casas de cer-
tos negócios.

Quando um estabelecimento dos taes começa
a pender para cá e para lá, ha um só meio
de pô-lo firme, é ardê-lo por acaso...

Foi isto, está liquidado, não tom que ver!

No fim as contas estão necessariamente certas.

Eu poderia citar como exemplo o.... a....
os....; porém não cito.

Isto, que ahi fica escrito, foi-me sugerido
pelo grande incendio da Praia dos Lazaros.

Estava eu a ver, de longe, subirem com
velocidade as densas nuvens de fumo, saídas
da ex-fábrica de stearinas, e a dizer com os
meos bodes: o fogo purifica o liquida!

Não quero com isto dizer que a referida fa-
brica.... oh, não! não!

Pelo contrario, se ella até estava cheia de
sebo e de não sei mais o que!

Mas aquele fogo, fez-me lembrar outros fogos...
de artifício, que por ahi tem havido, e que
derão que pensar a mais de quatro.

Voltemos, porém, á Praia dos Lazaros ou
Lazaronis.

Começou a causa por uma caldeira que es-
tourou, sem prévio aviso aos incertos.

Se com esse estouro morreu alguém, isso é
que não dizem as chronicas do dia. O que
consta, sómente, é que o fogo contaminou-se
ao sebo pelas seis horas da tarde, que os sinos
repicarão às sete, que as carroças chegarão
ás oito, que as bombas officiaes apresentarão-
se a nove, e que o Tenente Coronel Director
do Corpo de Bombeiros deu um ar de sua
graga às dez.

Sua Excellencia, sempre tão prompto quanto
eloquente, exclamou, vendo arder tanto sebo:

—Ora sebo!

A historia patria transmittirá sem duvida aos
posteros este dito á jámais celebre, d'j. *industre*
euele da bisarra corporação dos *hommes de Nanterre*.

Toca a musica!

Ataca os foguetes!

O mar e a terra e o Tenente Coronel Carvalho
ficarão *coalhados* de sebo.

Ardeu tudo!

Ardeu a fábrica, a materia prima e os massos
de contos de réis, (o que foi um verdadeiro
masso para a companhia).

O prejuizo era calculado em trezentos contos,
incluindo-se uma grande quantidade de pinho
que também se queimou e que pertencia a par-
ticularaes.

Trezentos contos tudo!

Mas como a empreza estava segura por qui-
nhentos....

Ardeu tudo. Tudo queimou-se!

Porém quem ficou mais ardido e queimado foi
o Tenente Coronel Carvalho por chegar tão
tarde.

O mais engraçado é que no dia seguinte andou
a polícia agarrando os carroceiros e as carroças
que não comparecerão no lugar do incendio, e

mandando aquelles para o xadrez e estas para o deposito.

E ficárá por isso sem agua para seus misteres, durante dois dias, todos quantos costumão receber-a diariamente dos referidos cartaceiros enxadrados.

Vejão só quanta desgraça por causa de tal sebo!

Um conselho de amigo ao leitor que tem freguez diario de agua :

Logo que ouvir qualquer igreja dar aviso de fogo, saia de casa como estiver, corra ao cortiço em que mora seu aguadeiro, agarre-o pelas orelhas e leve-o de rastos até o lugar do incendio.

Se não fizer assim, arrisca-se a morrer de sede no dia subsequente.

Uma noticia que nem sempre se pôde dar é esta :

Diversos literatos brasileiros estão confeccionando uma aprimorado livro em verso e prosa, para ser vendido nesta cidade revertendo todo o producto da venda em favor de uma distineta família portugueza, residente no reino, para quem a sorte se tem mostrado em extremo adversa nestes ultimos tempos.

A meu ver foi esta uma ideia tão nova, quanto feliz.

Applaudimol-a com todas as veras d'alma.

Nada mais justo do que estendermos a mão amiga aos necessitados de lá, quando os portuguezes d'aqui nunca se cançao de auxiliar-nos no exercicio da caridade, a mais bella, a mais real de todas as virtudes.

Seja bemvindo o livro!

A propósito de livros, parece que tem tido bastante aceitação as biographias das nossas grandes vultos politicos, escrishopos pelo Dr. Albino dos Santos Pereira.

As edições esgotão-se. Querem melhor prova?

A Companhia francesa, que se estreou ultimamente no Theatro de D. Pedro 2º, é em geral, composta de artistas grandes e gordos.

E tanto que o *Bossu*, por elles representado

na noite em que iniciáron os trabalhos, pôde chamar-se em portuguez : *O Bojudo*.

A. de C.

A manta azul.

(Continuação do n. 205.)

Poucos momentos depois, Mauricio voltou trazendo a manta.

«Ei-a, minha senhora. Não foi sem trabalho que pude obte-l-a. O ingles sentava-se em cima... e...»

«Bem se vê», disse Margarida. «Estas pregas denunciam claramente o pouco caso que a raça britanica faz de tudo... o que não é sen.

Depois, olhando tristemente para a manta : «Pobre amiguinha: em que estado te puseram.

E, dobrando-a com gento e cautela, collocou-a perto de si.

Apesar do vento que soprava com intensidade, não era menos intenso o calor do sol, que dardejava seus raios sobre o tombadilho da barca.

Para evitá-lo, Margarida deixou o lugar onde se achava e foi collocar-se perto da barraca chinesa do homem do leme.

Depois, voltando para junto de Mauricio, entregue à exclusiva contemplação das innumerab velhacez da nossa balsa, disse-lhe :

«Em que está pensando? Na mulher que ama, ou em negocio lucrativo?»

«Nem sei responder-lhe, minha senhora. Pensava em tanta coisa, ao mesmo tempo... na castidão do nosso porto... na sua manta azul...»

«Se o Sr. soubesse a historia d'essa manta, a qual se ligam as mais belas reminiscencias da minha vida...»

«Porque não m'a conta?»

«Se promette ouvi-l-a com attenção...»

«Não prometo: juro.»

«Basta-me a promessa.»

Acredito mais n'ellas do que nos juramentos.

Essa manta é presente de um capitão de caravelaria. Não julgue entretanto que se trata aqui de um homem que me amasse, a ponto de sacrificar na pyra de seu amor o ultimo vintém de seu soldo.

Nada disso.

O militar em questão era um rapaz bonito, que vi uma só vez.

Achara-me em «Notre Dame» comprando alguns objectos de que carecia, quando, recetido de seu uniforme elegante, o vi entrar alegre e folgazão, e comunicar aos caixeiros a sua proxima partida para o Paraguai, onde ia defender os brios nacionaes tão cilmente insultados pelo marechal Lopes.

OS PRASERES DI



Se soubeases querida Lulu como me diverte
viver Pernambucano contando-lhe o bousado, ad.
mirando a velocidade do vacado e verde
saltar o cabuleiro.
Oh filho! só pensas em animais... comédias!

Tara goraram todos os prazeres do campo
algumas senhoras da Terra propon-se
de cortar mato que os malditos car.
regue para usarem a grama
das baras metades.



Venho encapuzar-me em Pe.
nambucano por causa dos mo.
quistos de Mata cavalos, e mon.
aque os diablos me devoram

Também se namora em Pe.
nambucano... apesar que o
físico de alguns namo.
rados.....

"Desconcorra rapar
para levar verde
sun m'g recomendo
me trabalhar. Olha

PETROPOLIS.



Quem seria aquelas brincantes que
vieram a Petropolis para catar
de rapo para o casal.
Eles diz que sao artistas pintos la da
corte, que vao estudar a natureza.

"Sao mil reis! esse peixinho a tua
"A honho, o pescador Petropolis e co-
mo as mulheres. Custa caro porque
ha poucos e vao de longe."

5. Vira a Petropolis
e acorda. Cinedico as
adornos, portando deixam
tudo feito por m. Conta:

Ali ha gente que sonrreios e
sorrindo criados da baile matinhoso
suspirando, antes do fragode, a la-
zer por si mesma o servido da corte

Deriva com a funcao:
e danca-se.....
danca-se.....
E um louvar a Deus!

Agradou-me—porque não o confessarei?—a amarci d'aquele rapaz, e sem saber como achei-me envolvida na conversação, por elle sustentada com notável espírito e facilidade. Faltou-se da guerra, de mudas, e da manta azul, que estava então sobre o mostrador, e que eu, embora me agradasse, me recusava a comprar em consequência da exorbitância do preço.

Pouco depois, o militar despediu-se de todos, e sahio, olhando para mim de certo modo que me dava a entender que não lhe fôrás indiferente a minha pessoa. Recomendei ao caixero que me levasse a casa tudo quanto em compraria e sahi por meu turno.

Meia hora depois recebia em minha casa os objectos comprados, entre os quais vinha a manta azul, e este bilhete.

Léa.

Margarida deu então a Mauricio um papel côn de rosa, sobre o qual fôra escrito a lápis o que que seguia.

«Minha senhora. Parto amanhã para a guerra, donde provavelmente não voltarei mai's.

«Na firme crença de que uma bala inimiga virá, mais cedo ou mais tarde, pôr termo á minha existência,ago hoje testamento.

«Deixo à V.Ex., como recordação dos momentos agradáveis que devo ao espírito da sua conversação, a manta azul, que tanto lhe agradou.

«Acita-a?»

O bilhete vinha assinado por Ernesto de Men-
donça. —

(Continua.)

ACERCA DOS THEATROS

Palavra de honra.

Apezar de tudo o que me disse o Sr. Perini acerca da companhia dramática francesa que trabalha no D. Pedro II—quando vi a mesquinhez do preço exigido pelos lugares, e a excessiva modéstia com que Madame Philippe apresentou os seus artistas a esse nosso público tão habituado aos *puffs* e á *réclame* d'autemão preparada, cheguei a duvidar que na *troupe* houvesse um só artista digno de tal nome.

Acreditei em carinhas bonitas, em pernas maldidas pelas regras severas da estatária, em *toilettessas* ou menos *tempestuosas*; mas a respeito de recursos artísticos e talento scénico vieram-me logo á idéia os calções de S. Sebastião.

Enganei-me redondamente, folgo de dizer-o; e sem espírito de lisonja ou cheiro de incenso, resta-me, apesar a primeira recita do *Bossu*, a convicção de que a companhia dramática francesa é uma das melhores que possam ver se... fôra de Paris.

Não entrarei na análise minuciosa do drama escolhido para a estréa.

A imitação de tudo quanto vi na *Parte de S. Martin* ou no *Amílie* no tempo em que Fechner fazia as delícias do primeiro, e Dumaine extasiava os *habitués* do segundo, não passa o *Bossu*, de uma peça onde há uma aluvião de peripécias inesperadas, a par de alguns quartilhos de sangue derramado. Tem contudo o drama de Feval uma qualidade excelente:—prende deveras a atenção do espectador por meio de lances, que de scena para scena, vão crescendo d'intereses e embaraçando a acção de sorte a não ser lá muito fácil adivinhar-lhe o desfecho.

Os littoratos de pôpula preferem a tudo isto um enredo singelo tecido n'un dialogo correcto e fluente; mas o publico em geral adora os *coupes de theatre*, (no drama especialmente) e não retêm os *braces* quando vê a virtude premiada e o vício punido.

Questões de gosto em que não quero entrar, para não censurar o publico e muito menos os littoratos de pôpula.

Portanto, pondo de parte o drama, tratarrei apenas de emitir a minha humilde opinião acerca dos artistas encarregados de interpretal-o.

No quadro artístico destacam-se notavelmente quatro vultos: Mme. Simiane, e os Srs. Brizard, Pontis, e James.

A primeira é na opinião geral a perola da *troupe*. Dicção puríssima, orgão vigoroso e sonoro prestando-se admiravelmente ás mais arriscadas inflexões, gesto correcto seguido tanto quanto é possível seguir-se a idéia expressa pela phrase, e phisionomia adaptada pela mobilidade ás diversas situações do dialogo; eis, quanto a mim, os dotes que superabundam na primeira actriz da *troupe Philippe*.

Em Pontis há também qualidades artísticas de subido valor. O modo de dizer é correcto e pausado. Não lhe escapam virgulas nem pontos, como infelizmente por ahí acontece nos nossos theatros, e, nas phrases, que reclamam certa intenção; ha as meias tintas necessárias ao todo harmonioso, que, na dicção sobretudo, deve apresentar o personagem de qualquer drama. Quando habilmente representado.

Brizard tem optima figura. (uma figura rossiana) e felicissimas disposições para a scena. Veste-se bem e caracteriza-se melhor.

E porém para sentir que a Providencia não lhe tenha concedido organ um pouco mais volumoso. Para os theatros de grandes dimensões é qualidade indispensável.

Em relação a James farei apenas uma observação.—Sem desmandar-se um instante, sem carregar uma só vez nas situações cénicas em que toma parte, James desperta constantemente o sorriso do espectador às cadeiras, e a gargalhada expansiva do *publico* das galeries.

Em resumo:

A companhia é boa, o repertório exhibido até hoje interessante, a *mise en scène* muito melhor do que seria lícito exigir, e, se a tudo isto juntarmos a exigidão dos preços, acharemos que vale bem a pena frequentar o theatro D. Pedro II, enquanto lá trabalhar a *troupe Philippe*.

Uma estreia e a primeira exhibição de um *caudeville hors ligne*, constituem o balanço da semana alazarina.

Da estreia pouco ha dizer. Mlle. Liap não conseguiu agradar.

Sé da parte do estreante tivesse havido consciência e modéstia, e ella se tivesse limitado a passar pelas provas públicas evitando os escolhos que oferece a escabrosa parte de *Bouffette* a todas as *primas donas* sem talento real,—talvez o público a tivesse deixado passar, contribuindo assim para que, um dia, Mlle. Liap se tornasse uma artista aproveitável.

Mas querer competir com a Aimée de ou'rrora, com a Irmã Mariô de hontem, e a Delmary, de hoje, sem ter uma, uma só vantagem sobre qualquer delas, é, senão rematada loucura, pelo menos imperdoável falta de consciência.

Do *caudeville hors ligne*, que sob o título de *Trois épiciers subiu quinta-feira à cena!* só ha a dizer uma cousa:

Não é possível imaginar-se ratice mais chistosa, nem desempenho mais perfeito por parte dos artistas encarregados da personificação dos personagens respectivos.

O maestro Agostini não é homem de *puff*.

Sabe o que vale, e conhece de perto as sympathias que o público lhe tributa.

E hoje o seu grande *festival* em que tomão parte todos os musicos do Rio de Janeiro sem exceção de um só.

É inutil lembrar que se canta *Tracador*, opera predilecta do público fluminense e em que tanto sedistinguem os principais artistas da companhia. Mas o que convém dizer-se alto e bom som é que o espectáculo remata pela grande fantasia sym-

phonica, instituída « *Independencia* brasileira, » composta pelo beneficiado, e executada por

896 EXECUTORES!

O tenor Ballarini transferiu o seu beneficio por causas independentes de sua vontade.

E' de esperar que as pessoas que havião de antemão aceitado bilhetes, os conservem até ao dia em que de novo se anunciar o espectáculo.

E' justiça feita a um artista que, à imitação de seus companheiros, só vê no produto de seu beneficio a justa remuneração de seis meses de trabalho.

A. DE A.

Ao Sr. Eduardo de Martino.

Quem podera ensinar a inspiração seguir-te,
Egregio artista, quando o pincel empunhas,
E sobre a lisa tela preparada,
A natureza buscas

Figl reproduzir com seus primores ?!
Filho da bella Itália !

Pelas nymphas do Volturno animentado,
Na divina copa,

Onde Raphael e Rubens a inspiração libaram;
Tú tambem bebeste

O sagrado licor que outorga o genio!
Salve ! Artista ! Salve !

A' patria miuha, americana perola,
Onde ninda o Genio da pintura não mostrou-se;
Com a arte tñ vieste, os mereclos feitos conservar.
De um povo que adora a liberdade !

Por ti bem longe

Saudosa chora a familia. Do Tibre ás margens,
Onde Roma se revê nas priscas glórias;
A doce brisa que vai beijando o rio
Soluça e chora,

Em notas celestinas, divinas,
Passadas éras, de grandes cheias !

Finda os trabalhos teus !

E com a fronte de louros circundada,
Corre, vñ, filho, ao teu bello patrío sólo;
E lá, na terra dos de piastura Genios—
Aprende, aprende ninda com as lições dos mestres,
Nos quadros que seus nomes perpetuam,
A perfeição na arte ! o Infinito !!. Deos !!!

ANACLETO RAMOS DE MELLO.



"Vou render-me. Chegou a minha vez.
"Enão vens lá muito cedo! 365 dias de sentinela não é biscoito.
"Ceu que vou ficar 366!... Deixa-me que ordens recebeste?
"A de entregar-te esta lei que passa para ti e para todos
os que vierem depois. Tudo o mais vai comumido para a
Eternidade!..